

EXPERIMENTAÇÕES DA DIFERENÇA EM NÓS PARA ALÉM DA OPOSIÇÃO: A PROBLEMÁTICA DO GÊNERO COMO DISPARADOR DE DIÁLOGOS

Roberto Duarte Santana Nascimento¹

Resumo: Tendo em vista que o debate acerca da política em Deleuze ainda ser incipiente, defendemos a relevância do aprofundamento de uma discussão transdisciplinar do que poderíamos chamar de uma micropolítica deleuziana, a qual se mostra inseparável das considerações éticas e estéticas em sua filosofia. Para tanto, tomaremos como disparador problemático de pesquisa um outro debate, a saber, aquele que se pergunta pelas possíveis contribuições do pensamento deleuziano para as pesquisas a respeito de lutas feministas em nossa contemporaneidade. Assim, a micropolítica em Deleuze, na variedade de suas interfaces éticas e estéticas, permite-nos adentrar na problemática em questão com novas perspectivas, sobretudo à medida que se amplia a aliança conceitual, já iniciada pelo próprio Deleuze e, mais recentemente, por alguns estudiosos contemporâneos, com a microsociologia de Gabriel Tarde, bem como com aliados seus já conhecidos, como Guattari e Foucault.

Palavras chave: Deleuze; micropolítica; feminino.

Comunicação

Sem promulgar por uma identificação ingênua entre os autores visitados nesta pesquisa, em que medida se pode afirmar que seus textos ressoam entre si quando se trata de denunciar, em nossa contemporaneidade, o imperialismo de um modelo de feminino e de subjetivação que toma o homem, e o ideal de masculinidade, como justa medida do universo? E ainda, na companhia destes pensadores, como pensar linhas de resistência a esse determinismo androcêntrico, tendo em vista os combates éticos a favor da ampliação de nossa capacidade de perceber e de sentir e em prol do bom convívio das diferenças?

Ao desenvolver o conceito de devir, ao mesmo tempo em que pensam a subjetividade como um dos “principais estratos que aprisionam o homem” (DELEUZE; GUATTARI, 1995, v. 2, p. 90), Deleuze e Guattari afirmam que não há uma ordenação lógica entre os devires, nem progressão essencial de uns a outros. Contudo, argumentam eles que podemos conceber o “devir-mulher” como o primeiro entre todos os devires. Tal nome para este devir, não está ligado à crença de haver uma essência feminina que deveria se opor a uma essência masculina, mas à denúncia de haver em nossa sociedade um total predomínio do que os autores chamam de “padrão-homem”. Padrão este majoritário e em relação ao qual tanto as mulheres como os homens e também crianças, animais, vegetais, etc. se definem minoritariamente.

Bourdieu defende que essa representação do universo, que sedimenta a violência simbólica a que estão socialmente submetidas, mais contundentemente, as mulheres (pois os homens também estão), não é algo que se impõe a partir de uma opressão exterior reconhecida como tal. Ao contrário, ela surge como uma disposição histórico-social que é automatizada inconscientemente. Logo, as resistências frente à dominação não poderiam se limitar a uma tentativa de conscientização das minorias quanto às estruturas que os subjagam.

Ora, se Bourdieu é profícuo em desvelar os agenciamentos simbólicos e práticos que efetuam as estruturas de poder dominantes, ele ainda é por demais durkheimiano para alcançar os elementos infinitesimais em cujo caldo maquínico se erigem e se reproduzem tais estruturas.

¹ Professor substituto de Psicologia da Universidade Estadual Paulista, *campus* de Assis. E-mail: robertodsn@yahoo.com.br.

Bourdieu tem o mérito de evidenciar a sutileza de gestos, “profundamente enraizados nas coisas e nos corpos (estruturas)” (BOURDIEU, 2010, p. 122), que implicam a reprodução da binarização social entre feminino e masculino, mas não adentra em sua agitação molecular, no subterrâneo das estruturas, na indiscernibilidade de seus entremeios.

Conforme nos mostram Deleuze e Guattari, reencontra-se na microssociologia de Gabriel Tarde o mergulho no “mundo do detalhe ou do infinitesimal: as pequenas *imitações, oposições e invenções*, que constituem toda uma matéria sub-representativa”. Segundo eles, Tarde toma as representações molares, “sejam elas coletivas ou individuais”, como uma dinâmica de fluxos, onde “*A imitação é a propagação de um fluxo; a oposição é a binarização, a colocação dos fluxos em binaridade; a invenção é uma conjugação ou uma conexão de fluxos diversos*” (DELEUZE; GUATTARI, 1995, p. 98, v. 3, itálico dos autores).

Assim, partindo de uma leitura deleuze-guattariana inspirada no texto de Tarde, poderíamos dizer que as condições sociais de produção das tendências dominantes, de que nos fala Bourdieu, concerne a forças inconscientes, ou seja, são Potências histórico-sociais que, embora oriundas de arranjos históricos, não podem, entretanto, ser reduzidas a uma sociologia dos estados de coisas. Isto porque

uma sociedade nos parece definir-se menos por suas contradições que por suas linhas de fuga, ela foge por todos os lados, e é muito interessante tentar acompanhar em tal ou qual momento as linhas de fuga que se delineiam (DELEUZE; GUATTARI, 2010, p. 232).

Sem perder vista a reincidência das relações sociais de dominação e de subjugação, é preciso considerar que a dualidade dominador-dominado pela qual a consciência autárquica tende a fundamentar a realidade corre o risco de perder o problema de vista, perdendo-se em abstrações, pois cada indivíduo se constitui na *imanência* de fluxos histórico-sociais moleculares, múltiplos e “inassinaláveis”, variedade de linhas em relação às quais as identidades fixas e as estruturas de dominação são enrijecimentos molares ou buracos-negros de captura da produção desejante. Esse poder de captura, no entanto, nunca é absoluto: algo sempre escapa, algo que se “deve pressentir ou avaliar de outro modo”.

Deleuze, nesse sentido, não gosta de se posicionar “contra”, pois tal postura ainda é demasiado atrelada à consciência e excessivamente caudatária de hierarquias. Mas não se trata, porém, de negar a realidade e a força opressora dos condicionamentos ou adestramentos enraizados nas relações sociais. De fato: feminino e masculino, enquanto agenciamentos histórico-sociais, atravessam-nos incessantemente, controlando uma diversidade de conexões subterrâneas cujo princípio, no entanto, é a conexão de diferenças pela diferença. É essa diferença, em nós, que cabe liberar, na variedade das lutas que nos tomam. Diz Tarde:

Existir é diferir, e, de certa forma, a diferença é a dimensão substancial das coisas, aquilo que elas têm de mais próprio e mais comum. É preciso partir daí, evitando qualquer explicação; para onde tudo caminha, mesmo a identidade, de onde falsamente partimos (TARDE, 1893, p. 70).

Pois o que está em pauta não é o “futuro das revoluções na história”, mas o “devir revolucionário das pessoas” (DELEUZE, 1992, p. 211). Ou seja, não se trata da filiação cordeira a grupelhos que assim se constituem “em função deste ou daquele atributo identificador” (ORLANDI, 2002, p. 237), mas de travar, por ocasião de cada problema, um combate na imanência, uma “guerra de guerrilha”, em que se avalia ética e politicamente, em função dos encontros que experimentamos ou somos impossibilitados de experimentar, se estamos

aumentando ou diminuindo nossa potência de existir e nossa capacidade de devir *outrem*, ativando, ainda que em germe, outras formas de existir que não aquelas corolárias, por exemplo, de uma noção abstrata de gênero. Pois “é muito fácil ser antifascista no nível molar, sem ver o fascista que nós mesmos somos, que entretemos e nutrimos, que estimamos com moléculas pessoais e coletivas” (DELEUZE; GUATTARI, 1995, p. 93, v. 3).

Assim, o pensamento de Deleuze é inseparável de uma política, de uma política *menor* mais precisamente, já que, segundo o próprio Deleuze, “a filosofia é inseparável de uma cólera contra a época”. É nesse sentido que, em um outro texto, Deleuze alerta que a filosofia não é uma potência, tal qual o são “as religiões, os Estados, o capitalismo, a ciência, o direito, a opinião, a televisão” (DELEUZE, 1992, p. 7). Neste caso a ideia de potência está ligada ao uso do poder instituído. Com efeito, a ideia de potência em Deleuze ressoa muito mais com a imanência espinosana e com a intempestividade nietzschiana, podendo também ser definida, pois, como intensidade de forças criativas disparadas por signos². Tal caracterização por signos permite-nos entender que a política em Deleuze é inseparável de acontecimentos éticos e estéticos.

Acontecimentos *éticos* porque os modos de existência envolvem coletividades que surgem, de certo ponto de vista, da corrosão da “ordem divina da integridade” e, consequentemente, de sua ordem moral (DELEUZE, 2003, p. 340), ligando-se não a modelos, mas à potência ou poder de afetar e ser afetado nos encontros.

Política atrelada também a acontecimentos *estéticos*, porque os “estilos de vida” são efeitos de acontecimentos inconscientes pré-pessoais e pré-individuais que criam novos modos de sentir, de ver e de dizer, enfim, de habitar o mundo. Afinal, conforme nos ensina Deleuze numa entrevista, as relações de força “constituem ações sobre ações” e, com isso, definem a possibilidade de novos modos de estar no mundo. Ele Indaga: “dizemos isto, fazemos aquilo: que modo de existência isso implica? Há coisas que só se pode fazer ou dizer levado por uma vingança contra a vida” (DELEUZE, 1992, p. 131, 137). Ora, pensar forçado por signos, para Deleuze, é afirmar tudo o que decorre da molecularidade das linhas em devir. Philippe Mengue tem razão, portanto, quando afirma, a propósito da relação conflituosa entre Deleuze e a democracia, que “a micropolítica deleuziana” é bem “uma estética, uma ética, mas não uma política” (MENGUE, 2003, p. 56, tradução nossa) no sentido maior do termo.

E, justamente, porque uma “micropolítica” em vez de uma política simplesmente? A resposta já pode ser de certo modo pressentida: porque o pensamento, em sua imanência, não luta contra os poderes nem tem o fito de substituí-los por uma nova relação de poder. Trata-se da resistência contra o intolerável em cada relação ou forma de poder, em cada totalização do senso comum, em cada comunicação massificadora, “travar com elas uma guerra sem batalha, uma guerra de guerrilha”. A micropolítica é questão de povo, não um povo socializado, mas um povo por vir. Questão não de “futuro das revoluções na história”, mas do “devir revolucionário das pessoas” (DELEUZE, 1992, p. 7, 231). Em uma micropolítica se trava resistências contra o intolerável em cada relação ou forma de poder, em cada totalização do senso comum, em cada comunicação massificadora, mesmo e sobretudo aquelas que experimentamos em nós mesmos, que erigem em nós Eus femininos ou masculinos todo poderosos e totalitários, em detrimentos da miríades de eus larvares que nascem e coexistem em nós como efeito de novas *alianças intensivas* com o mundo.

² A respeito do conceito de signo em Deleuze, debruçamo-nos com mais vagar em NASCIMENTO, R. D. S. *Teoria dos signos no pensamento de Gilles Deleuze*. Campinas, SP: [s.n.] 2012. Tese (doutorado) – UNICAMP.

Referências

BOURDIEU, P. *A dominação masculina*. Tr. de Maria Helena Kühner. 9. ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2010. (*La domination masculine*. Paris: Editions du Seuil, 1998.).

DELEUZE, G. *Proust e os sign*. Tr. br. de Antônio Piquet e Roberto Machado. Rio de Janeiro: Forense, 2003 (*Proust et les signes*, Paris: P.U.F., 1964.).

_____. *Conversações*. Tr. br. de Peter Pál Pelbart. Rio de Janeiro, Ed. 34, 1992 (*Pourparlers*. Paris: Les Editions de Minuit, 1990.).

DELEUZE, G.; GUATTARI, F. *O Anti-Édipo*. Tr. br: Luiz B. L. Orlandi. São Paulo: Ed. 34, 2010. (*L'anti-Oedipe*, Paris: Minuit, 1972.).

_____. *Mil Platôs*. Tr. br. coletiva. Rio de Janeiro: Ed. 34, 1995. Edição em 5 volumes. (*Mille Plateaux*. Paris: Minuit, 1980.).

MENGUE, P. *Deleuze et la question de la démocratie*. Paris: L'Harmattan, 2003.

NASCIMENTO, R. D. S. *Teoria dos signos no pensamento de Gilles Deleuze*. 2012. Tese (doutorado) – UNICAMP, Campinas, SP, 2012.

TARDE, G. *Monadologie et Sociologie*. Ouvres de Gabriel Tarde, tome 1. Paris: Empecheurs de penser en rond. 1999 (1. ed., 1893). (*Monadologia e Sociologia*. Trad. de Tiago Seixas Themudo. Petrópolis: Ed. Vozes, 2003).